



FOTO: OLIVER FROENKES

Os atuais herdeiros da imposição de critérios ideológicos para as teorias científicas são os regimes baseados no fundamentalismo religioso

TOTALITARISMO E CIÊNCIA

Uma das várias semelhanças entre o nazismo e o stalinismo é que esses dois regimes totalitários tentaram controlar não só as aplicações da ciência, mas também seus princípios básicos.

O stalinismo, que se apresentava como ideologia científica, saudava a conquista do mundo pela razão e pelos métodos da ciência experimental. No entanto, a relatividade de Albert Einstein (1879-1955), por exemplo, era vista por aquele regime como sintoma da decadência burguesa.

Já o nazismo rejeitava aquela teoria como 'judia'. Em 10 de maio de 1933, nazistas, nos arredores da Universidade de Berlim, atearam fogo a milhares de livros de autores 'antigermânicos', 'judeus' e 'bolcheviques'. Além de Einstein, arderam naquelas chamadas páginas de clássicos da literatura e filosofia universal.

Embora houvesse resistência a Hitler, poucos se portaram como o alemão Max von Laue (1879-1960), Nobel de Física de 1914 – ele, por exemplo, saía às ruas sempre com algo nas duas mãos para ter a desculpa de não fazer a saudação nazista.

O antissemitismo ajudou a destruir a ciência alemã, suprema no início do século passado. A política racial alemã cultivava a eugenia, que incluía a eliminação de 'incapazes'. Soa a horror, mas era sustentada por parte dos biólogos e médicos alemães.

Na União Soviética, Trofim Lysenko (1898-1976) prometia multiplicar as safras agrícolas com o uso de métodos baseados em ideias ultrapassadas, mas que tinham aprovação do regime. O mais conhecido dos geneticistas soviéticos, Nikolai Vavilov (1885-1943), morreu em um campo de trabalhos forçados por discordar de Lysenko.

O impacto desse tipo de política na ciência soviética foi catastrófico. Por exemplo, Lev Landau (1908-1968), Nobel de Física de 1962, passou 1937 na prisão por comparar a ditadura soviética à de Hitler. Na década de 1950, *Materialismo e crítica empírica*, famoso livro do líder soviético Vladimir Lênin (1870-1924), foi

usado pelos stalinistas para atacar os cientistas soviéticos – por sinal, lemos no excelente livro de 1955 sobre relatividade de Vladimir Fock (1898-1974): "O lado filosófico da minha visão sobre a teoria do espaço, tempo e gravitação foi formado sob a influência da filosofia do materialismo dialético, em particular sob a influência de *Materialismo e crítica empírica*, de Lênin."

Tanto no nazismo quanto no stalinismo, havia a ideia de que cidadãos e cientistas deveriam concordar com a 'verdadeira doutrina' formulada por ideólogos daqueles regimes. Embora a tenham usado largamente, aqueles dois regimes totalitários rejeitaram a ciência, quando esta se opunha às visões de mundo e aos valores expressos como verdadeiros *a priori*.

Os atuais herdeiros da imposição de critérios ideológicos para as teorias científicas são os regimes baseados no fundamentalismo religioso. É conhecida a história de um professor de matemática no Irã pós-Khomeini que ilustrou o conceito de probabilidade rolando um dado. Um estudante fundamentalista o acusou de usar um "objeto satânico". O professor perdeu o emprego e quase a vida. Para muitos fundamentalistas religiosos, Deus sabe tudo e, portanto, não há lugar para o acaso.

Em 1977, na Universidade Jesuítica do Salvador, em Buenos Aires, um professor honorário, o almirante Emílio Massera (1925-2010), membro da junta ditatorial daquele país, pronunciou-se contrário ao fundador da doutrina comunista, o filósofo alemão Karl Marx (1818-1883), por questionar o caráter inviolável da propriedade privada; ao pai da psicanálise, o médico austríaco Sigmund Freud (1856-1939), por agredir o espaço sagrado do foro íntimo; e a Einstein, por questionar a condição estática e inerte da matéria. Aliás, à época, o superior provincial dos jesuítas, na Argentina, era o atual Papa Francisco.

No Brasil, a relação dos cientistas com a ditadura militar é história ainda por se escrever. ■